

7 Conclusão

7.1 Síntese e resultados da pesquisa

Na parte analítica dos vinhateiros chegamos a uma comprovação, a partir da crítica literária se explica à parábola como construção artificial da comunidade, elaborada a partir de elementos originais, que posteriormente foi recoberta com um esquema histórico-salvífico e com interpretação cristológica-eclesiológica. O nosso primeiro e segundo capítulo identifica tanto os aspectos literários de Mateus 21,33-46, como sua estreita relação com Isaías 5,1-7. Observamos que todas as pesquisas recentes, que avaliamos, estão de acordo num ponto: o redator mateano usou o grego a partir da sua respectiva fonte, a citação que tem em comum com Marcos, aproxima-se, em certos pormenores, da tradução da Septuaginta. A parábola dos vinhateiros em Marcos 12,1-12 foi construída em base do cântico da vinha em Isaías 5,1-7. Mateus usa quase todas referências de Marcos, mas adiciona ligações a Isaías 5,1-7 que não derivou de Marcos. Há, portanto conexões com o texto hebraico como também com a versão da Septuaginta. As conexões com Isaías já estavam, possivelmente presentes na forma original e elas são acrescidas nas fases subseqüentes da tradição, buscamos a comprovação deste fato no terceiro e quarto capítulo da nossa pesquisa.

Nas últimas décadas nosso conhecimento científico do “cântico da vinha” de Isaías 5,1-7 se desenvolveu a partir dos estudos dos aspectos literários do texto hebraico. O resultado, de modo geral, tem demonstrado que o gênero literário de Isaías 5,1-7 é um típico exemplo de uma parábola jurídica. Assim, em Isaías 5,1-7, o poema inteiro leva a forma de um cântico, que tem a função de uma parábola. Esta é na realidade uma parábola jurídica paradigmática em que o profeta denuncia à sua audiência. Deus espera, da casa de Israel justiça social; porém, Israel reage praticando injustiça. Podemos verificar que esta análise produziu os seguintes resultados: Em Isaías 5,1-7, a metáfora da vinha é aplicada para **בֵּית יִשְׂרָאֵל**. A

conexão entre o verso 7 e o verso 3 mostrou que a casa de Israel se refere aos habitantes de Jerusalém e $\text{וְיִשְׂרָאֵל יְהוּדָה}$, ou seja, o reino do Sul. O resultado, da análise desta parábola jurídica é que o profeta provocou em seus ouvintes uma avaliação negativa das suas próprias ações.

As conexões que Mateus 21,33-46 faz a Isaías 5,1-7 são intensas. Verificamos no quinto capítulo da nossa pesquisa, que elas não só são achadas em Mateus 21,33 onde Isaías 5,2 é citado explicitamente, mas também nas partes seguintes da parábola. Estas conexões não só foram influenciadas pela Septuaginta, mas também pelo texto hebraico. Foi possível verificar as semelhanças entre Mateus 21,33-46 e Isaías 5,1-7. O texto do Novo Testamento não é uma mera cópia de seu correlato do Antigo Testamento. Neste sentido a citação invertida em Mateus 21,33 foi claramente um forte indicador. No resto da parábola são transformados certos elementos de Isaías 5,1-7, e são introduzidos fatos novos.

Em Mateus 21,42, o texto do Antigo Testamento (Sl 118,22-23) é citado para expressar uma forte crítica a atitude dos $\alpha\rho\chi\iota\epsilon\rho\epsilon\iota\varsigma$ καὶ οἱ Φαρισαῖοι (21,45). Ao término da contestação, descubram os $\alpha\rho\chi\iota\epsilon\rho\epsilon\iota\varsigma$ καὶ οἱ Φαρισαῖοι que Jesus narrou a parábola contra eles (45). Pela citação de Sl 118,22-23 entenderam que a parábola de fato reflete a própria oposição deles a Jesus. Esta aproximação à parábola jurídica de Isaías 5,1-7 é determinante para o propósito de redator mateano. Mateus 21,43 menciona: καὶ δοθήσεται ἔθνει ποιοῦντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς. A combinação de ποιέω + καρπός é uma descrição de um ideal moral apropriado. A escolha do termo ποιέω mostra a ressonância de Isaías 5,2.4b (texto hebraico: עָשָׂה) na construção desse ideal moral na perspectiva isaiana (Isaías 5,7), pelo redator mateano. A orientação moral proposta por Mateus em 21,43 é, de fato, um desenvolvimento da ênfase que é colocada no ideal moral correto (retidão e justiça) em Isaías 5,7 ($\text{מִשְׁפָּט} / \text{צְדָקָה}$).

Verificamos que em Mateus 21,43 os vinhateiros anteriores são substituídos por um ἔθνος que terá que produzir devidamente os καρποὺς da βασιλεία τοῦ θεοῦ. A repreensão em Mateus 21,43b: ὅτι ἀρθήσεται ἀφ' ὑμῶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ, mostra que o rendimento esperado não consolidou; observamos aqui o resultado da ressonância de Isaías 5,2e (v. 4): $\text{וַיִּקֶן לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים}$ “e esperava que desse uvas boas”, que é a reclamação do dono da vinha.

O texto hebraico de Isaías 5,1-7 forma o ponto de partida de um procedimento de interpretação amplo e intenso. Dentro deste processo a versão da Septuaginta representa um momento relativamente independente. Nele há elementos do texto hebraico que é copiado, mas vários outros elementos que fundamentalmente são mudados. A parábola dos vinhateiros é uma ligação nova nesta sucessão. O uso de Isaías 5,1-7 é em parte determinado pelos elementos que já estavam disponíveis na fonte (versão de Marcos), mas também o modo no qual Mateus adaptou em uma fase posterior, revela características próprias da comunidade destinatária. A essência jurídica de Isaías 5,1-7 é ressoada inteiramente em Mateus; a acusação, originalmente apontada para casa de Israel, é agora alterada estilisticamente para os oponentes de Jesus: ἀρχιερεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι.

No quinto capítulo, a partir destas observações ficou claro que a parábola é, sobretudo um ataque aos líderes judeus. A função literária da parábola reflete seu sentido original. O sentido parenético e crítico que o texto mateano desenvolve mostra que a parábola não só é dependente do texto hebraico de Isaías 5,1-7 e da versão da Septuaginta, mas também é entrelaçada com uma exegese do texto de Isaías para atender as necessidades redacionais de Mateus, principalmente quanto à culpabilidade de Israel. A acentuação do motivo dos καρποί ao longo de toda a versão mateana (21,34.41.43), bem como a adição do versículo interpretativo (21,43), manifestam um interesse para a culpabilidade de Israel e suas conseqüências. A perda da βασιλεία τοῦ θεοῦ do povo judaico para um ἔθνος que produza frutos constitui, na história, um ato de julgamento divino. Perante a história salvífica, a crise de Israel tem, por conseguinte gerado uma situação nova. A elucidação deste fato tem mostrado que a interpretação eclesial e o texto mateano não estão muito distanciados entre si. As alegorias deste foram amplificadas, pois a orientação do texto não foi substancialmente alterada no seu conteúdo. A imagem de ἔθνος é fundamental no judaísmo contemporâneo de Mateus; a culpabilidade dos Judeus é uma ameaça pela qual Israel perdeu a sua prerrogativa. Neste sentido, a advertência a Israel dirige-se do mesmo modo a Igreja. Verificamos, então, que Mateus não afirma substituir Israel pela Igreja, mas enfatiza o porque da culpabilidade e da perda de Israel da βασιλεία τοῦ θεοῦ. Igualmente, a Igreja é posta sob a mesma cobrança e sob a mesma iminência que Israel.

7.2

Contribuições do trabalho e possível desenvolvimento ulterior do tema

A aplicação que Mateus fez de Isaías, mostrou que a metáfora da parábola é de fato uma crítica condenatória, pelo processo esperado de uma parábola jurídica, aos líderes de Israel e não a todo o Israel. Muitos estudos do judaísmo e do cristianismo primitivos fizeram retroagir erroneamente aos dois primeiros séculos formas clássicas de judaísmo e cristianismo. E surgiu daí um certo anti-semitismo. Mas na verdade, os antagonistas de Jesus na narrativa dos vinhateiros e no restante do evangelho não representam nem os judeus em geral, nem Israel como entidade coletiva, mas sim os líderes da comunidade judaica, no tempo de Jesus e no de Mateus. Não exclusivamente os líderes, mas também as instituições que eles controlam e as interpretações da lei e dos costumes judaicos que propõem são submetidos à ofensiva constante e sistemática. Por interferência de Jesus, o redator de Mateus conduz sua polêmica contra líderes adversários e seus programas concorrentes para entender e viver o judaísmo no fim do século I. Vimos na narrativa dos vinhateiros que esses líderes apreenderam mal e rejeitaram a vontade de Deus e, por isso, foram substituídos por um ἔθνος que prontamente produziriam os frutos da βασιλεία τοῦ θεοῦ. É notável, contudo que a diferença do seu modelo literário, de Isaías 5,1-7 o redator de Mateus se interessa pouco em destacar a vinha (exceto 21,33); o interesse maior pelo contrário está concentrado nos delitos dos vinhateiros aos quais a terra foi confiada e no caráter de um processo jurídico paradigmático que a parábola da vinha de Isaías propõe.

Esta característica visa certamente diferenciar o povo de seus dirigentes, os “frutos” da obediência são requeridos de todos, já que os profetas foram enviados a todo povo. A introdução dos γεωργοῖς permitiu articular as duas tradições literárias constitutivas: de uma parte o tema da vinha-Israel e o seu epílogo judicial (21,33.41), por outra, o motivo deuteronomista do envio repetido dos profetas e a perseguição (21,34-36). O tema do julgamento é ressaltado no final (21,41.43), a fim de precisar a vocação dos novos destinatários da eleição, o ἔθνος. Chegamos a seguinte constatação: O verso 43 exprime a consciência que tem a Igreja de ser o ἔθνος, de agora em diante encarregado pela βασιλεία τοῦ θεοῦ e com a responsabilidade de ποιῶντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς, anterior expectativa frustrada do juda-

ísmo, já verificada no pano de fundo de Isaías 5,1-7. Mas esta afirmação é tornada possível, de um ponto de vista literário, apenas pela perspectiva da insistência sobre a produção dos frutos (34-41).

Desta forma, com o verso 43, pudemos entender o sentido integral da parábola, de acordo com Mateus. Esta recensão pode, de fato apresentar-se como uma alegoria da história da salvação (J. Jeremias) ou simplesmente da acusação que denuncia a culpabilidade de Israel (Trilling), mas, também um aprofundamento, ou melhor, um julgamento em que a parábola projetava no horizonte de Israel histórico, pode recair hoje sobre a Igreja.

Concluindo, percebemos na parábola dos vinhateiros, uma narrativa fortemente marcada pela polêmica contra os líderes de Israel, o verso 43 opõe de uma parte um judaísmo estéril e privado da βασιλεία e, em outra parte, a Igreja, que recebe a βασιλεία. Assim, o verso 43 exprime um caráter eclesial em face de um judaísmo inerte e totalmente passivo.

O nosso texto deixa algumas questões para ulteriores reflexões. Um primeiro questionamento que aparece deste exame é a relação que o verso 43 da parábola dos vinhateiros tem com toda proposta mateana no restante das suas narrativas. A questão do ἔθνος para compreender o pensamento eclesiológico da comunidade mateana e a importância do καρπὸς para a redação do evangelho. O que temos proposto, para uma subsequente reflexão é uma possível justaposição entre o contexto histórico do movimento de Jesus, e da comunidade de Mateus a partir da uma análise mais profunda dos elementos literários do versículo 43 dos vinhateiros, na conjuntura da culpabilidade das lideranças de Israel, as quais agiram com total perversão à proposta de Deus, tanto no Antigo Testamento, como também na atitude agressiva a Jesus, conforme nas narrativas dos Evangelhos.